

“Nearly all the orators in the National Assembly were on the left over the question of priests; they spoke rhetorically about tolerance and the liberty of sects; they saw nothing but a question of philosophy and religion in what is really a question of revolution and politics; they did not see that every time an aristocratic priest makes a convert he makes a new enemy of the Revolution; since those ignorant people he leads astray are incapable of distinguishing religious from national interest, and in appearing to defend religious opinions, the priests actually preach despotism and counter-revolution ... I realise now that in Paris we very poorly understand the public spirit and the power of the priests. I am convinced that they alone would be enough to bring back despotism, and the court need do no more than leave it to them, confident of soon reaping the benefit of their schemes...”

Como muito bem sublinha a autora, a visão de Robespierre não diverge significativamente da perspectiva de Edmund Burke. Observador distante da Revolução,

Edmund Burke acreditava que a resistência à Revolução poderia ser efectiva em cada comunidade através da acção do clero. Peculiar ironia em que o pesadelo de Robespierre coincide com a esperança de Burke.

Fatal Purity é uma biografia equilibrada. A biografia equilibrada de um homem complexo em tempos conturbados. Robespierre, a figura felina em casaca verde, azul ou rosa. Robespierre, o orador de olhos verdes, rápidos, inquietos por detrás dos óculos escuros. Robespierre morreu na guilhotina na manhã do décimo dia do Thermidor (28 de Julho de 1794). No inventário da biblioteca de Robespierre, o Contrato Social de Jean-Jacques Rousseau não consta entre os livros de uma vida. Nunca uma ausência terá sido tão notada. Longe da Revolução, o espírito de Rousseau permanece entre nós.

* DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DOUTORANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA. CRONISTA DO DIÁRIO ECONÓMICO

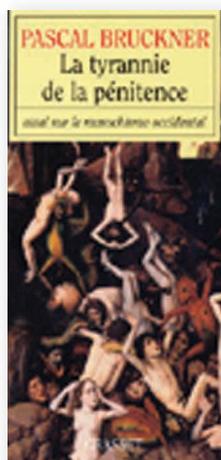
POR NUNO WAHNON MARTINS *

Estado de Alma

Ensaio sobre a Europa onde vivemos

Pascal Bruckner é, na senda de Raymond Aron, um intelectual comprometido. Tendo sido um dos *nouveaux philosophes*, o autor é hoje um reconhecido liberal, no sentido europeu, tendo como principal linha de acção o combate ao terrorismo islâmico.

O tópico central da sua última obra é a crítica ao estado de alma da maioria dos europeus e, em especial, dos franceses. Aquilo a que o autor chama de masoquismo ocidental é a existência de um sentimento de culpabilidade do qual uma elite intelectual e política europeia sofre e que faz com que todo o mal do mundo seja, para aqueles, uma consequência directa ou indirecta da primazia do Ocidente. Daí que os europeus acabem por tomar partido pelos vencidos, rebeldes e oprimidos, tornando-se os seus mais ferozes aliados. Quem não está com as vítimas, está contra elas. Passando a existir o temor da denominação de reaccionário. Como se quem estivesse contra o comunismo fosse obrigatoriamente fascista.



Pascal Bruckner
La Tyrannie de la pénitence
Paris, Grasset
2006 | 260 pp.

Este sentimento de culpabilidade, que Bruckner bem relata, não é mais do que uma troca de fundamentações ideológicas. O comunismo é trocado pelo alter-mundialismo, a luta de classes pela luta anti-globalização e o proletário passa a ser o muçulmano oprimido. Não importa que as ilusões socialistas se tenham perdido no tempo, importa sim encontrar alternativa a essas mesmas ilusões. Daí que a defesa de personagens sinistras, como Chavez, Ahmadeninejad, ou os pseudo guerrilheiros do Hezbollah ou da “Resistência Iraquiana”, sejam aceites e defendidos, pois acabam por representar a “resistência” ao inimigo comum.

Por outro lado, Bruckner constata o paralelismo entre o sofrimento dos autores românticos e a actual alergia à dor. A aquisição do título de pária é facilmente aceite por muitos, sem que na verdade o mereçam. Como afirmou Tarik Ramadan: “Os muçulmanos são os novos Judeus dos anos 30”. Estes novos resistentes cultivam um dever da memória intransigente sobre os dramas do passado: os refugiados palestinos, as vítimas da colonização, os índios da América do Norte. Mas por outro lado revelam uma miopia sobre os males do presente: Cambodja, Darfour, Chechénia, Coreia do Norte, Cuba, escravatura

nos países árabes, etc. Desde que a vítima o seja devido aos sionistas ou aos americanos então vale a pena exortar. Tudo o resto é marginal.

Existe ao longo de toda a obra a preocupação constante de mostrar os males que invadem a nossa sociedade. O autor enche-nos de exemplos e notas de rodapé, mas ao incluir uma espécie de quadros síntese no final de cada capítulo, que por vezes nada têm a ver com o mesmo, acaba por sintetizar alguns conceitos abordados, permitindo uma fácil e rápida leitura deste livro.

Contudo, a obra não está alheia a críticas. O facto de afirmar que a democracia resulta de uma lenta maturação, pode sugerir a impossibilidade de esta ser imposta pela força. Outra afirmação, é a de que os regimes democráticos nos países árabes se desenvolvem a partir do Islão e não pela negação deste. Enfim, se no Japão e na Alemanha a democracia foi imposta pela força após a Segunda Guerra Mundial, nos países muçulmanos onde ocorreram intervenções estrangeiras, Iraque e Afeganistão, não nos parece que os preceitos Islâmicos tenham sido confiscados ou negados à população. O autor conclui que as democracias devem respeitar os direitos humanos e, sobretudo, transmitir a responsabilidade dos actos e o espírito

de análise interna a esses países cujos regimes têm implicações negativas sobre as suas sociedades, em particular, e o mundo, em geral. O problema está em saber se, mesmo realizada essa transmissão, a lição fica aprendida. Um dos melhores exemplos referidos é o da passagem ao estado pós-colonialista em que se define a União Indiana. Os altos índices económicos que se têm verificado na Índia permitem-lhe ser um bom exemplo para o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos. Talvez as antigas colónias europeias necessitem de reconhecer que precisam de ultrapassar a condição pós-colonial de que continuam a usufruir.

Embora acabe por não satisfazer totalmente nas suas conclusões, o autor tem a virtude de exortar que os europeus devem defender a liberdade, como o seu bem mais precioso, e para isso necessitam de a transmitir, desde cedo, às crianças nas escolas. Esta é uma daquelas obras que merece uma tradução para o português, pois a sua actualidade permite uma leitura que não se limita ao caso francês mas a todo o espectro da Europa ocidental.

* MESTRANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

POR HUGO CHELO *

Reflexões sobre a Vida de Aristóteles

Aristóteles é, incontestavelmente, um dos maiores vultos do pensamento ocidental.

O crescente interesse pela obra do filósofo de Estagira nos nossos círculos universitários é um facto indementível e que se atesta de modo inequívoco pela voracidade com que se traduzem de alguns anos para cá, dos originais gregos, um número apreciável de obras. Atente-se como, em menos de dez anos, várias editoras põem em circulação a *Política*, edição bilingue da editora Vega (1998); a *Constituição dos Atenenses*, Fundação Calouste Gulbenkian, (2003); a *Ética a Nicómaco*, Quetzal Editores, (2004), a *Ética a Eudemo*, *Tribuna da História*, (2005). Em 2005 sai a *Introdução Geral*, primeiro volume das Obras Completas de Aristóteles em curso de edição pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, com a chancela da Imprensa Nacional Casa da Moeda. Esta Introdução sai

a par, no mesmo mês e no âmbito da mesma colecção, d'*Os Económicos* e de uma segunda edição revista da *Retórica* (que, desde Outubro de 2006, já vai na terceira edição). Por fim, em Janeiro de 2006, publica-se mais um volume das Obras Completas, a *História dos Animais, Livros I-VI*. Na medida do possível, a *Revista Nova Cidadania* tem sabido fazer eco deste esforço apreciável, e sem precedentes, de vários sectores da academia portuguesa.

Deste modo, a publicação de *A Vida de Aristóteles*, por António Pedro Mesquita, constitui-se como mais um contributo que aquiesce a uma curiosidade que, a pouco e pouco, vai inundando o público leitor.

Não sendo um texto original, já que reproduz uma ampla secção do livro *Introdução Geral das Obras Completas de Aristóteles*, é, apesar disso, uma excelente ideia editorial. Esta republicação, sob o cunho da Sílabo, procura manifestamente tornar acessível a um público mais vasto partes de uma obra que, pela inserção numa edição mais volumosa e vocacionado para um público mais especializado, afasta o leitor moderada e medianamente interessado. A mesma ideia parece presidir ao novo arranjo das sub-secções. Aqui o leitor é imediatamente convidado a percorrer as várias etapas da narrativa biográfica da vida do fi-